

Halder Gomes
Cineasta

O contínuo exercício da *fuleiragem* cearense no cinema do *astista* mais invocado que o Bruce Lee

À primeira vista o nome parece simples, mas há quem confunda com Háulisson, Handerson, Hanson e Helder, com a letra "H" toda *ispilicute* querendo ser "R". As tantas variáveis, tipicamente cearenses, poderiam ser reaproveitadas para cada característica de Halder Gomes Marcos Alves; o pivete gaiato e cheio de ideias que se torna um *astista* invocado, mais tão invocado, que dá ao cinema brasileiro uma dose harmônica de bom senso e humor.

O desafio de fazer rir é facilmente cumprido na espontaneidade que possui. De cinco palavras ditas, sete carregam um palavreado que, inicialmente, parece peculiar. "Rapariga depois da janta", "Frogoiô" e "O pau que rola" são expressões muito utilizadas e bem inseridas no contexto das conversas. Apesar dos muitos anos vividos fora do Ceará, o *leruaite*, que lhe é próprio, permanece e finca como uma das principais características. A naturalidade que trabalha as palavras se reflete no cinema que o tornou ainda mais conhecido: o da *fuleiragem*.

Mas não é só de molecagem que constrói as películas. A boina, o cabelo longo e o cordão com o símbolo hindu (om) do "som do universo" deixam transparecer o homem equilibrado que preza pelo cinema de resistência e inquietação. Seja qual for o gênero produzido, cenas e diálogos são minuciosamente pensados para tocar profundamente a alma e aflorar sentimentos dentro e fora das salas de cinema.

Na trajetória percorrida até aqui, esteve mesmo guiado pelos sons do universo. As temporadas nos Estados Unidos foram, aos poucos, colocando oportunidades e descobrindo sonhos antes ocultos. Com o tempo, o cinema transformou a vida e apresentou possibilidades, sendo, então, a janela para o mundo. E é por ela que visualiza as realidades e os objetivos que pretende atingir.

Ao tempo em que é *astista*, é também ninja. Com a ajuda das habilidades marciais, dribla as dificuldades de produzir cinema no Brasil e no Ceará. Usa a determinação, a disciplina e o foco para "emendar as pontas" quando os problemas "trincam na emenda" da vida. O cabra é calejado e sabe lidar com os contratempos à base da voadora na pleura central da peridural. Se Bruce Lee fosse cearense, seria igual ao Halder, invocado e *fuleiro*.

Essa tão falada *fuleiragem* é um dos frutos da infância vivida em Senador Pompeu, lá no "mei do nada", município no sertão central do Ceará. Essa época é também fonte de inspiração para os filmes. O cenário, os sons e as personalidades do lugar ressurgem nas telas e logo o público se identifica. No cinema que faz, quase autobiográfico, ele roteiriza as próprias experiências e presenteia em personagens cativantes. O interior é exteriorizado, numa exibição de memórias e criatividade na composição da narrativa.

A cabeça hiperativa, com mil pensamentos ao mesmo tempo, é a verdadeira dona de todas essas histórias. Um rebuliço de ideias, muitas vezes executadas, predomina na mente e só se acalma com uma nova produção. Se tivesse ao alcance, faria de todas as paixões, do surf à pintura, um verdadeiro sucesso de cinema. Com o olhar fotográfico *joiado*, traduz os sentimentos em imagens que dizem exatamente o que querem dizer.

Quando não dizem, apontam caminhos para desfechos alternativos, construídos em cada um na própria mente. Nos filmes e na vida, as possibilidades de fim são inúmeras. Até lá, atravessamos narrativas lineares, embaraçadas ou cronológicas, mas sempre com a certeza de que o exercício da *fuleiragem* é contínuo.

Ficha Técnica

Equipe de produção:
Mariângela Chagas
Ronaldo Salgado

Entrevistadores:
Ana Maria Rodrigues
Amanda Matos
Breno Reis
David Medina
Drielle Furtado
Jadriel Lima
Mariângela Chagas
Nathanael Filgueiras

Texto de abertura:
Nathanael Filgueiras

Fotografia:
Luiza Carolina Figueiredo



Entrevista com Halder Gomes, realizada no dia 16 de outubro de 2014.

Mariângela – Antes de você começar na carreira de cineasta, antes de tudo, o que mais o impressionava no Cinema?

Halder – No Cinema? Vamos falar de momentos distintos. O primeiro cinema que tive contato foram os filmes de artes marciais. Então, o que mais me impressionava era poder ver uma figura ícone como era o Bruce Lee em ação quando, na verdade, a gente não tinha internet, não tinha outras fontes de informação, exceto uma foto ou outra que eu via em uma revista e, de repente, deparar com o cinema trazendo aquele mito em ação (*Bruce Lee foi um artista de artes marciais, instrutor, ator, roteirista, diretor e produtor de cinema sino-americano e honconguês, 1940-1973*). Aquilo ali, para mim, foi muito marcante. Meu primeiro momento foi esse, que mais me impressionou. E depois tem aquele momento quando você é, de certa forma, leigo no assunto, em várias etapas da vida, quando criança, adolescente, você se surpreende com os efeitos especiais, né? Eu assistia ao *King Kong* quando era criança e acreditava que aquilo ali era verdade, de tão bem feito o negócio. “Rapaz, isso existe mesmo”, teimava e discutia. Depois vieram outros momentos que me impressionaram muito. Os filmes de ação como *Rocky Balboa* (*estrelado pelo ator norte-americano Sylvester Stallone*). Aquela época foi muito marcante porque você via aquele cara em ação e dizia: “Rapaz, será que esse cabra ganhava do Muhammad Ali (*famoso pugilista norte-americano*)?” Quem era que ganhava: o Muhammad Ali ou Rocky Balboa? Em muitos momentos da minha vida, dependendo da época, teve algo no cinema que me impressionou bastante. Obviamente, hoje é diferente porque, como a gente já sabe como é feito, acaba tirando um pouco dessa magia e você se impressiona com outras coisas que não necessariamente aquela de se encantar puramente com algo que parece ser real quando, na verdade, não é.

Mariângela – Tem algum filme que te marcou muito?

Halder – Têm vários. Meu filme favorito da vida, que meus amigos e colegas cineastas até tiram onda comigo, se chama *Amor Sem Fim*, com a Brooke Shields. Vocês nasceram um dia desses, não sabem qual é (*risos*). A Brooke Shields, para mim, é o ser mais bo-

nito que apareceu na natureza de todos os tempos, incluindo os animais vertebrados e invertebrados (*risos*). Tudo que existir na Terra. É filme que fala de uma história de amor, passada nos anos 1980 e, quando eu assisti na época, fui barrado no cinema uma vez e tentei até conseguir entrar. Eu chorei feito um doido. Até então era o melhor filme da minha vida. Então, passei uns 25 anos sem o ver e, de repente, deparo com o DVD. Fiquei naquela de assistir ou não assistir, se aquilo ia quebrar a magia de que foi uma época. Passei uma semana olhando pra cara do DVD até que assisti de novo e foi tão bom quanto. Eu me emocionei de novo e vi que era um filme muito bem feito. É o filme pelo qual mais tenho paixão. Foge totalmente da curva que as pessoas imaginam. Mas também gosto muito dos filmes do Bruce Lee, mesmo aquele de começo de carreira, bem *trash* mesmo. O Bruce Lee, para mim, é um dos grandes atores que o mundo já teve. Não conheço ninguém com um *close-up* tão expressivo quanto o dele.

Ronaldo – Mas tem alguém especial na sua vida que apresentou o Bruce Lee? Alguém na sua família, amigos, que o levou a descobrir aquela figura?

Halder - Não, não. Na verdade, ele era um ícone da época. Eram filmes que a gente ouvia muito falar. E como, naquela época, não existia essa coisa da imagem em tempo real para desmistificar, a gente acreditava que era uma lenda. Era mais pelo *zonzum* dos amigos falando do Bruce Lee. Aquele homem era algo que a gente ficava alucinado. Acho que cada fase da vida tem o filme que marca por algum motivo ou por algo que aconteceu, e assim vai por ciclos, tendo filmes especiais ao longo da vida. O mais recente que me impactou foi *Ela*, com o Joaquin Phoenix e do... (*pensa um pouco*). Como é o nome do diretor? Spike Jonze. Inclusive, trabalhei para ele em um comercial como assistente de produção. É aquele filme em que você tem de sair pra beber, fumar um charuto e pensar na vida, porque é muito complexo.

Ana Maria – Halder, qual foi o primeiro filme que você assistiu na vida? Você lembra?

Halder - O primeiro filme que assisti na vida, não lembro o nome, mas era um filme de kung-fu que vi lá em Senador Pompeu

Halder Gomes foi um dos nomes mais votados pela turma no dia da escolha dos entrevistados. No total, foram seis votos.

Durante o processo de escolhas dos entrevistados, um dos argumentos utilizados para justificar o nome de Halder Gomes foi o fato de ele ter conseguido afundar o *Titanic* duas vezes.

Mariângela assumiu a produção da entrevista, mas, devido à ausência de um aluno na turma que compõe esta edição, acabou ficando sozinha. Para resolver o problema, o professor Ronaldo Salgado teve de exercer o papel de produtor também.

(município cearense a 275 quilômetros da capital), em um cineminha daqueles que nem no *Cine Holliúdy*. Era só porrada (repete três vezes). Assisti a esse filme e fiquei assim: "Caramba, quero ser faixa preta, quero ser chinês" (todos riem). Eu me lembro de achar que cinema era aquilo, não tinha outra referência. Aquela experiência de ter visto aquilo na tela de cinema, mesmo em um precário, foi muito marcante. Passei uma boa parte da minha infância achando que só existia a possibilidade de assistir filmes sobre kung-fu, Hércules, Sansão e os *westerns* (faroestes). Tanto é que, na primeira vez em que fui ao cinema em Fortaleza, nós fomos ao (Cine) São Luiz assistir o desenho animado da Branca de Neve. Foi um trauma medonho, pense. Eu assistindo a Branca de Neve e ficava: "Mãe, cadê os chineses?" (todos riem) "Tem chinês nesse filme, não? Então não presta". Você está tão impregnado com um negócio que todo filme tinha de ter chinês, porrada, que aquilo foi uma decepção medonha. Eu passei não sei quanto tempo até criar coragem, ver outro desenho animado da Disney e entender que existiam outros filmes.

Breno – Esse seu fascínio pelo cinema, pela sala de exibição, era algo comum na sua família ou você era o diferente?

Halder - Rapaz, ninguém na minha família tem relação alguma com o cinema. Quando eu comecei a ter contato (com o cinema), foi na década de 1970 em Senador Pompeu que, se hoje é no meio do nada, nos anos 1970 era mesmo. Minha família inteira não tinha vínculo, nada. Foi um encontro meio mágico em que você vê a primeira vez, se encanta com aquilo e não sai mais nunca da

"(...) O que mais me impressionava era poder ver uma figura ícone como era o Bruce Lee em ação. Aquilo ali, para mim, foi muito marcante".

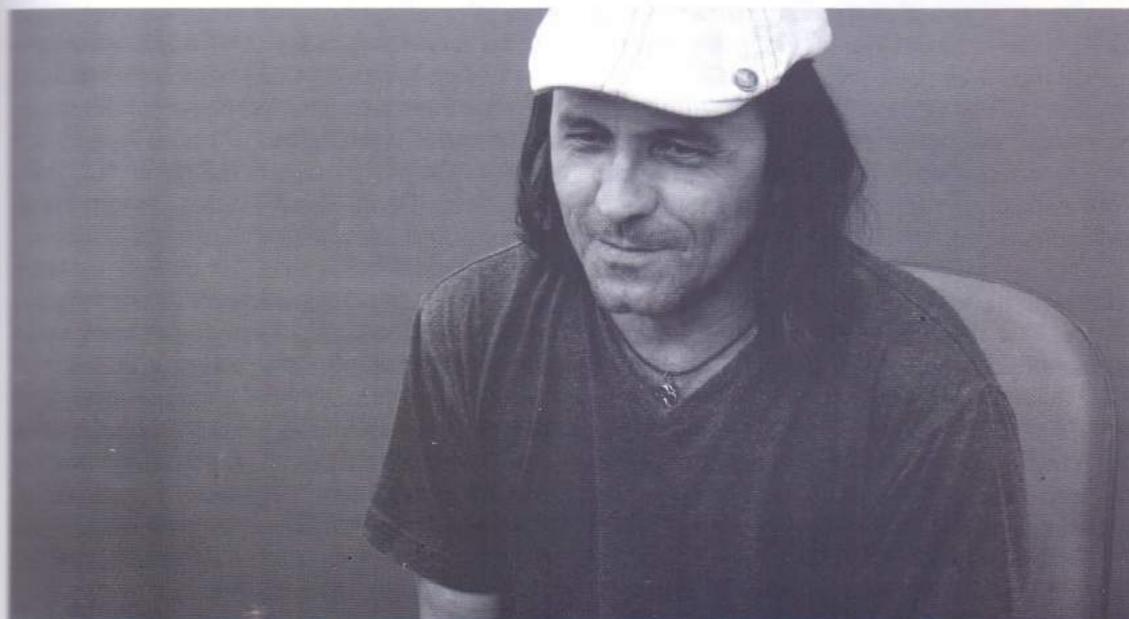
sua cabeça. É como se tivesse de acontecer, como uma anunciação, algo que iria fazer parte da sua vida, independentemente de você ter qualquer relação ou de alguém que pudesse te inspirar. Muitos amigos, pessoas da área de cinema, têm alguma relação, algum parente que chegou e apresentou, influenciou. Eu não tive isso. Para mim foram ícones como Bruce Lee, (Arnold) Schwarzenegger, Jean-Claude Van Damme, essa galera de filmes de ação e porrada que se tornaram quase da família, me incentivaram e me inspiraram.

Jadiel – Então, de onde surgiu a ideia de fazer Administração e não um curso de Cinema?

Halder - Quando fiz vestibular para Administração, no começo da década de 1980, não existiam tantos cursos. De cinema não existia nem em sonho. Acho que só tinha, talvez, no Rio (de Janeiro) ou em São Paulo. E, quando pensava em cinema (como profissão), para minha família, eu não podia nem



Todos os alunos da turma se ofereceram para ajudar no que fosse possível antes, durante e após a realização da entrevista.



O primeiro contato entre produção e entrevistado se deu através de um telefonema, e Halder prontamente aceitou o convite para participar desta edição da revista.

pensar muito alto se não queriam me inter-
nar: "Rapaz, esse bicho tá doido". Porque,
imagina, pensar em um cinema que envolve
ação e outros gêneros que não eram muito
comuns na década de 1980, era algo incon-
cebível como profissão. E, naquela época, a
gente meio que fez um acordo. Meu pai queria
que eu fizesse Engenharia e eu sou péssimo
em matemática. Ia botar abaixo tudo que era
prédio e ponte. Não tinha a mínima condição
e eu tinha consciência disso. Pensei em fazer
Arquitetura ou algo que se relacionasse com
arte. Como não tinha essas opções que tem
hoje, o curso de arquitetura era o mais pró-
ximo. Nesse negócio, chegamos a um con-
senso. Falei: "Pai, vou fazer Administração
porque, no final das contas, serve pra tudo".
Foi esse o consenso com meu pai que aca-
bou sendo importante na minha vida futura.
Quando comecei a trabalhar como dublê de
lutas na década de 1990, eu tinha planos de
fazer uma carreira, mas queria muito apre-
nder. Minha porta de entrada foi como dublê
e percebi que havia muitas relações entre
cinema e administração. Eu via que aquilo
ali era uma empresa, que tinha um funcio-
namento dentro de um organograma muito
idêntico ao de uma empresa convencional.
Os departamentos de luz, câmera, fotografia,
figurino, maquiagem, produção, tudo aqui-
lo era parecido com o organograma de uma
empresa convencional. Toda aquela questão
de gestão de recursos humanos, logística e
organização em métodos, eu ficava: "Rapaz,
eu me formei nessa chibata". Minha forma-
ção foi em cinema e eu não sabia. Percebi
que administração foi muito mais útil, talvez,
na minha circunstância, do que se tivesse
me formado em cinema.

Ana Maria – Você sempre teve esse fascínio
pelo cinema? Para você, qual é o papel dele na

sociedade e qual foi o que ele cumpriu na sua
vida como formação pessoal e profissional?

Halder - Na minha formação particular, o ci-
nema foi minha janela para o mundo, quando
ele era restrito aos poucos canais de televisão.
Onde eu morava pegava um canal só, então
(o cinema) era meu encontro com outras cul-
turas. Tudo ali fazia parte de outro mundo. Foi
essa grande janela e esse despertar de curio-
sidade que tenho pelo mundo. Sou alucinado
por filmes estrangeiros. Às vezes, vou para
a mostra de São Paulo só para ver filmes do
mundo todo. E acho que o cinema tem um pa-
pel, talvez, de transformação. Das mídias exis-
tentes, é a que mais tem poder de influenciar
uma cultura. Não estou falando de uma influ-
ência rala, como a TV na sua efemeridade, mas
o cinema tudo ele provoca, faz questionar e
leva a refletir. Ele meio que entra no seu DNA e
tem esse papel de não só transformar alguém,
mas até mesmo uma sociedade. Tem filmes
que provocaram verdadeiras mudanças. Eu
pego o próprio *Cine Holliúdy* como exemplo.
O filme termina com aquela cartela de que no
Ceará, nos 184 municípios, só cinco possuíam

"Acho que cada fase da vida tem o filme que te marca por algum motivo ou por algo que aconteceu, e assim vai por ciclos (...)"

Porém, por conta da agenda corrida do cineasta, houve um problema em fechar uma data. Após várias tentativas (e quase desespero por parte da produtora), a entrevista foi marcada para a quinta-feira, 16 de outubro.

Quando mencionou que o entrevistado havia acertado a data, a turma inteira ficou bastante animada e feliz por, finalmente, ter dado certo.

cinemas e, ano que vem, o Estado vai ter mais 22 municípios com cinema. Existe um programa de incentivo da Ancine (*Agência Nacional do Cinema*) para que cidades com até 100 mil habitantes possam ter acesso a instrumentos de construção de novas salas (*de exibição*) com subsídios muito interessantes. Ninguém sabia desse projeto e não existia uma bandeira de divulgação. Nas matérias sobre o filme, eu falava muito dessa realidade e então comecei a receber *e-mails* de prefeitos do Brasil inteiro querendo saber como era. Coincidência ou não, mas bateu com o período em que o filme (*Cine Holliúdy*) foi lançado. Então, é uma transformação interessante. Acho que o cinema tem esse poder de provocação e, muitas vezes, ocasiona mudanças.

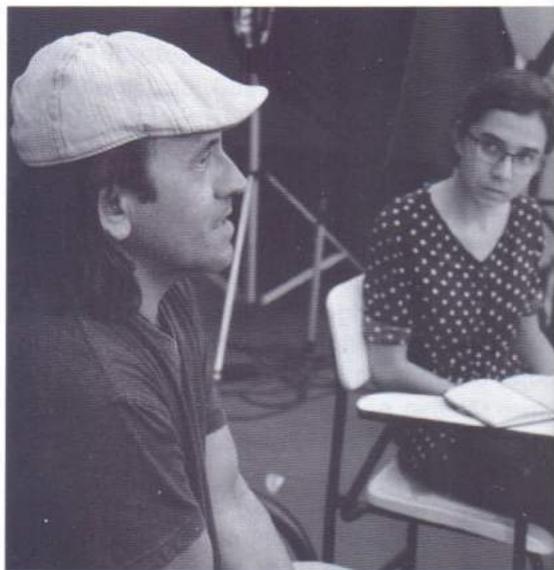
Breno – Halder, no material de produção, há informação de que, na sua vida, parece que você colocou em prática tudo aquilo que o fascinava quando criança: artes marciais e

“Rapaz, ninguém na minha família tem relação alguma com o cinema (...) Foi um encontro meio mágico (...) É como se tivesse de acontecer”.

cinema. Como foi que você começou a praticar artes marciais e como isso o levou para os Estados Unidos?

Halder - Eu tinha muito fascínio pelos filmes de luta, mas morava no interior e lá não tinha academia, não tinha nada disso. Quando vim morar em Fortaleza, com uns 11, 12 anos, começou a surgir esse interesse em querer fazer artes marciais, mas havia pouquíssimas academias por aqui. Quando tinha, ou eram muito caras ou longe de onde eu morava. Até que um dia fiz umas aulas de kung-fu em uma academia de fundo de quintal e fui fazer intercâmbio nos Estados Unidos em 1984, em Detroit (*cidade localizada no Estado do Michigan*). Um dia, lá teve uma tempestade de neve em que ninguém podia sair de casa. Tudo fechado, a cidade fechada. E eu num tédio medonho, não falava uma palavra em inglês, não sabia nem o verbo *to be*. Olhando para cara

daqueles gringos, eu ficava: “Rapaz, o que diabo é isso?” Aí, sem fazer nada, eu comecei a olhar o catálogo das páginas amarelas e vi o logo de uma academia de *tae-kwon-do*. Eu disse: “Rapaz, eu vou treinar esse troço aqui”. Quando passou o temporal, fui nessa academia e comecei a treinar. Foi um negócio muito doido porque vi aquelas voadoras, aqueles golpes que eu via nos filmes, os caras lá estavam tudo fazendo. Era isso mesmo que eu queria fazer. Fiz uma aula experimental e aquilo se tornou uma obsessão para mim. A partir daí, foram mais de 20 anos no tatame. Depois, me tornei faixa preta, fui atleta, treinador e dono de academia. Tudo o que você puder imaginar. A luta foi muito presente desde a adolescência - ainda é -, mas foi o meu pilar para que eu pudesse fazer cinema. Foi minha base inteira de determinação, forma, perseverança para conseguir fazer essa transição para o cinema, que é um negócio complica-



do, complexo e as artes marciais foram o meu centro de tudo.

Mariângela – Como foi que você se inseriu na indústria cinematográfica norte-americana?

Halder - Então, eu já sabia que queria muito fazer cinema, porém eu estava em uma imersão muito forte na luta. Como havia me formado em Administração, tinha minha academia e não queria me formar novamente. Já havia feito uma pós-graduação em Marketing e não queria voltar a estudar ou me formar em cinema. Queria aprender na prática. Nas idas e vindas dos campeonatos de *tae-kwon-do*, principalmente quando eu ia lutar em Los Angeles, percebia que muitos colegas faziam essa ligação entre a luta e o cinema, trabalhando em filmes de artes marciais como dublês de luta. Quando não existia internet, havia um hiato muito grande entre o filme ser lançado nos cinemas dos

A abordagem da entrevista foi um pouco diferente das outras realizadas, com foco na relação forte de Halder com o cinema e o sucesso de *Cine Holliúdy*. A reunião de pauta foi uma verdadeira imersão na sétima arte.

Estados Unidos e chegar ao Brasil. Naquela época, o Jean-Claude Van Damme (*ator belga, famoso pelos filmes de ação*) estava no auge. Os filmes dele eram megassucesso. No entanto, para esses filmes chegarem ao mercado aqui no Brasil, existia o nicho do VHS. Havia uma produção de filmes de artes marciais de baixo orçamento que se auto-alimentava na indústria do VHS. A produção era muito grande, então eu via a maior galera indo fazer essas cenas. "Porra, eu quero fazer também". Conheci um coreógrafo de lutas que disse: "Pois vamos!" Fiz algumas participações, achei aquilo tudo muito massa, mesmo só levando porrada e morrendo, mas amava. Continuei fazendo e aquilo tornou-se minha compreensão do que era cinema do ponto de vista de estar diante das câmeras. Depois comecei a trabalhar como assistente de produção e isso encaixou com minha formação em Administração. Foi uma entrada

"(...) passei uma boa parte da minha infância achando que só existia a possibilidade de assistir filmes sobre kung-fu, Hércules, Sansão e os *westerns*."

que coincidiu com a luta, mas daí eu fiz todo um planejamento para minha carreira a partir daquele primeiro contato com o cinema.

David – Halder, existiu alguma motivação, na área do cinema ou das artes marciais que o levou para os Estados Unidos?

Halder - No mundo das artes marciais foi porque nos Estados Unidos existem muitas academias de *tae-kwon-do* e, como eu ia muito pra lá, tinha muitos amigos com academias. Eu ia para treinar, dar aulas particulares ou então alguém vinha de lá para cá, para fazer seminários nas minhas academias. Mas ali era Los Angeles, né? Então todo mundo estava, de certa forma, ligado. Os meus amigos não só trabalhavam nos filmes, como havia os atores que treinavam nas academias. Aí você começa a criar uma rede de relacionamentos, conhecendo todo mundo e se inserindo naquilo.

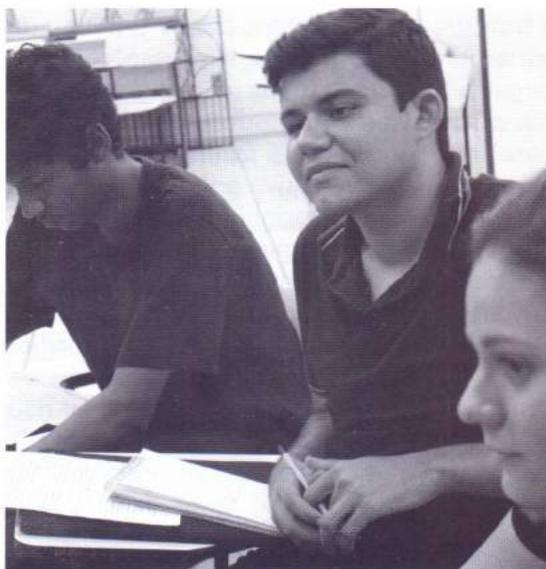
David – Mas eu digo no caso do intercâmbio, na primeira vez que você foi para os Estados Unidos....

Halder - (*respondendo enquanto a pergunta é feita*) – Na primeira vez, não.

David – Você tinha essas motivações ou lá você descobriu que gostava e seria possível seguir essas carreiras?

Halder - Foi, foi. Eu consegui começar e ter meu encontro com a luta. Naquela época, lembro que tirei um zero em inglês no colégio. Levei uma "péia" medonha da minha mãe. Eu disse: "Rapaz, eu nunca mais tiro um zero em inglês. Vou aprender esse negócio é lá mesmo". Foi aí que resolvi fazer intercâmbio. Mas foi por causa de uma "péia" (*todos riem*). No final das contas, está tudo ligado.

Ronaldo – Mas como é que se deu a transição entre Detroit e Los Angeles? E nesse intervalo todo, com o que você mexeu lá nos Estados Unidos?



Halder - Eu passei uma época lá estudando, fazendo *high school* (*equivalente ao ensino médio brasileiro*). Eu me graduei... Ainda existe o terceiro ano científico aqui? Terminei o terceiro ano, voltei para cá (*Ceará*) e ainda era faixa verde. E não havia academia de *tae-kwon-do* aqui em Fortaleza para treinar. Eu tinha um amigo, na época, que estava na mesma situação e, então, nós começamos a treinar, dar umas aulas, montar um núcleo de treinamento. Esse meu amigo também era alucinado por cinema e queria fazer filmes. Daí ele foi para a Europa e começou a competir por lá. Depois eu o reencontrei nos Estados Unidos, trabalhando como dublês de lutas. Depois da luta veio esse interesse pela produção e por saber como se faz cinema.

Nathanael – Você lembra da primeira vez em que pegou em uma câmera e decidiu experimentar, testar, fazer cinema?

O local pretendido para a realização era o Cine Benjamin Abraão, localizado na Casa Amarela Eusélio Oliveira. Porém, o local estaria ocupado naquele dia. Então, a entrevista foi feita no Laboratório de Fotografia do curso de Jornalismo.

No dia da entrevista, assim que chegou ao bloco da Comunicação Social, Mariângela encontrou o professor Ronaldo Salgado e disse que estava muito nervosa.

Antes, a fotógrafa Luiza Carolina perguntou se, pelo fato de o entrevistado ser alguém do cinema, poderia fazer uma experimentação nas fotografias usando uma lente lomográfica.

“Minha formação foi em cinema e eu não sabia. Percebi que administração foi muito mais útil (...) do que se tivesse me formado em cinema”.

Halder - Cara, a minha formação em cinema nunca foi a de pegar uma câmera. Por exemplo, se você me entregar uma, eu não sei nem como é que liga. Eu sou um contador de histórias. Assim, eu escrevo, imagino a história, tenho a percepção de que tipo de lente utilizar, mas nunca tive essa coisa de pegar a câmera e tentar contar uma história, porque começou tudo muito avançado para mim. Eu comecei fazendo esse trabalho de dublê lá. Não tive aquela experiência de montar uma historinha e tal. Eu comecei logo na porrada mesmo e aprendi fazendo.

Drielle - Você já tinha em mente que queria ser diretor ou foi algo que surgiu de repente?

Halder - Quando eu comecei a trabalhar como dublê, achava interessante fazer as cenas de luta, mas sabia que aquilo ali não era algo que eu seguiria (*como carreira*). Eu via amigos fazendo aquilo com paixão porque gostavam muito de ser dublê. Eles tinham planos de deixar de ser dublês de lutas e virarem dublês de saltar prédios, virar carros, aquele negócio todo. Mas eu sou um contador de histórias, então eu queria ir por outro caminho. Fiquei naquela de aprender o máximo possível daquilo que estava sendo apresentado para mim e depois decidir o que ia fazer. Dentro de todas as experiências que tive fazendo cinema lá, seja como dublê e depois como assistente, até então só não tinha feito cabelo e maquiagem. O resto já tinha feito de tudo. Cheguei num momento: “Ok, eu tô preparado para fazer algo maior. O que vai ser, se é direção ou produção, eu não sei”. Quando comecei a fazer meu primeiro filme, um projeto em que eu tinha um mini, micro, quase zero orçamento, ninguém queria dirigir para mim porque não tinha dinheiro. Eu me vi em uma situação em que tive de dirigir meu primeiro projeto. Foi uma experiência em que pensei: “Porra, eu posso produzir e dirigir. Posso tornar minhas histórias reais”. Foi onde eu determinei para

minha carreira que eu iria fazer minhas histórias, fazer meus filmes, produzir e dirigir. Escrever, quando possível, e daí por diante – foi meu plano.

David - Halder, aparentemente, dá a entender que você estava, durante esse período, às margens do grande mercado de filmes. Como você faz o paralelo entre estar nessa margem lá nos Estados Unidos com a realidade do cinema aqui no Brasil?

Halder - Eu sempre fui muito observador e estudioso de tudo. Antes de fazer meu primeiro filme, eu já estava lá (*nos Estados Unidos*) há muito tempo trabalhando como dublê de luta todo ano ia para o *American Film Market* (evento da indústria cinematográfica que acontece em Santa Monica, Califórnia), uma feira que tem lá, onde o *trade* mundial de cinema se junta para negociar o que vai ser filmado, as empresas vão lá pra tentar vender locações, enfim, o mundo do cinema se encontra lá. Todo ano eu ia para ver o que estava acontecendo, ver as tendências, gêneros, o que estava se desenhando para os próximos cinco anos em produções cinematográficas. Eu tinha um conhecimento de mercado muito aguçado. Vivi nesse olho de furacão e depois voltei para cá (*Brasil*), onde absolutamente nada acontecia. Era até triste você deparar com a nossa realidade e saber que muita coisa poderia ser feita, mas não é por conta da falta de recursos. Eu ficava me questionando em como iria me posicionar, trabalhando nesses universos tão distintos. Passei por um momento, não de crise existencial, mas de conflito interno: “O que é que eu vou fazer? Vou embora para lá para sempre, para viver e me inserir naquele mercado ou voltar pra cá com meu conhecimento, tentar, fazer algo acontecer aqui, na condição de que não quero ir embora para Rio e São Paulo?” Passei um período nesse conflito até tomar uma decisão: de ficar um pouco mais lá, aprender mais, mas fincar minha carreira aqui (*no Ceará*), contar minhas histórias. Era uma opção teoricamente suicida, porque as pessoas sempre vão para o Rio ou pra São Paulo. Eu precisava criar meu universo aqui e isso dava muito mais trabalho. Foi o que aconteceu: eu fiz essa opção e, felizmente, está dando certo.

David - O que foi que o motivou a seguir o caminho mais difícil e fincar raízes aqui no Ceará?

Halder - Rapaz, eu gosto muito de desafios. Às vezes as pessoas perguntam: “Qual o segredo do sucesso?” O segredo é aquele quando você está correndo em uma esteira na academia e coloca uma hora. Quando está chegando nos 59 minutos, você vai desacelerando. Quando chega exatamente nos 59,

Durante a captação, o Laboratório de Fotografia ficou muito quente, devido a um mau funcionamento do ar-condicionado (apesar de o professor Ronaldo Salgado o ter ligado antes mesmo de a entrevista começar).

eu dou um pique violento para chegar nos 60 minutos mais ligeiro. Eu percebi que o mercado de lá (*Estados Unidos*) é muito grande, muito competitivo. Tive oportunidade de trabalhar naquele universo, mas eu não era feliz. Sentia que faltava alguma coisa. Então, se era para estar fazendo lá, mas sem me sentir feliz, eu preferia não fazer aqui e fazer outras coisas como surfar e continuar com minha academia. Nesse momento senti que só iria dar certo se eu ficasse no Ceará. Foi uma intuição ousada, pois, quando você vai olhar para o cenário real, não é nada promissor. Nós não temos investimentos, recursos e não existe uma indústria de cinema. Não é fácil você criar algo do zero quando só existe esse nada, praticamente.

Jadiel - Você pode falar mais sobre essa dificuldade em fazer cinema aqui?

Halder - Assim, cinema é uma coisa difícil em qualquer lugar do mundo. Não é diferente nem nos Estados Unidos - a única diferença é a infraestrutura. Por exemplo, se eu estou lá e tenho um bom roteiro, uma boa história, esse é meu projeto e pode ser que aconteça ou não. No Brasil, você tem um roteiro, uma boa história, mas tem uma questão burocrática muito grande. O roteiro nunca vai ser prioridade. No projeto do edital, o roteiro pode ser o melhor do mundo, podendo ganhar Oscar no dia seguinte, mas se estiver com a certidão negativa do município, o cabra nem lê aquele roteiro. São contrapontos. Nos Estados Unidos, o mer-

cado funciona - como é que se diz - onde a história tem um peso maior e no Brasil, a burocracia se sobrepõe. Mas lá, você está falando de investimentos privados e é muito difícil lidar com esse tipo. Aqui existem recursos públicos que, muitas vezes, dão uma maior liberdade de criação. A maior diferença que eu percebi foi que, nos Estados Unidos, tudo é mais acessível. Você tem muito mais estrutura pra tornar o filme real do que aqui. A gente tem essa dificuldade, no Brasil, pela limitação de recursos, dependência de editais e políticas públicas que, por vezes, não têm a velocidade que queríamos. Tudo aqui é mais sofrido. Eu não reclamo não, foi minha opção, mas o processo é mais moroso, burocrático e a gente acaba trabalhando com menos recursos. Mas a realidade é essa e você tem de encarar os desafios. Então, *grosso modo*, a diferença entre fazer cinema aqui e nos Estados Unidos é que, lá, você está muito mais amparado.

Jadiel - Você acredita que essa vivência lá deu certo privilégio quando veio tentar fazer cinema aqui?

Halder - Rapaz, não (*repete três vezes*). Investimento, nada. Em lugar nenhum. Se você pegar o *Cine Holliúdy*, ele tem apoio da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Um apoiãozinho de lançamento lá no Rio de Janeiro que aqui (*Fortaleza*), eu não consegui. Não sei como é que vai ser daqui pra frente. A minha experiência lá fora me ajudou muito no conhecimento. Aprendi de-

A entrevista com Halder Gomes contou com menos um participante. Hélio não pôde comparecer no dia devido a um problema de saúde.



Ao chegar ao local, o entrevistado espantou-se com o número de alunos e disse estar se sentindo no programa *Roda Viva*. Inclusive contou situações inusitadas das outras entrevistas de que já havia concedido.

O professor Ronaldo Salgado entregou alguns exemplares da Revista Entrevista ao cineasta, que nos parabenizou pelo trabalho. "Vocês vão mandar uma cópia pra mim quando sair, né?" - perguntou ele.

mais, demais (*ênfase*) no set onde o Spike Jonze era diretor de um comercial e eu lá, vendo o cabra trabalhando, só "bilando". Eu fiz muitos trabalhos com grandes diretores, vi grandes atores em ação, diretores e coreógrafos de luta. Estava trabalhando dentro daquilo, então, essa experiência foi decisiva, somada à minha formação em Administração, para que eu pudesse fazer meus filmes dentro dos planejamentos, recursos que tinha no meu cronograma. De todos os longas que fiz, em nenhum deles estourei um dia de prazo ou um centavo de orçamento.

Amanda - Halder, você falou das dificuldades de fazer cinema aqui, mas, ainda assim, foi a sua opção. Qual a importância que você dá a essa produção local, fazer um cinema cearense e de mostrar nossa cultura nas telas?

Halder - O cinema cearense é muito bonito, acima de tudo, é um cinema de resistência. Porque hoje nós temos uma política de governo muito (*ênfase*) aquém da capacidade técnica e criativa aqui no Ceará. As pessoas estão criando, produzindo de modo independente, fazendo acontecer. Várias ge-

compromisso. Porque é muito desgastante. Por exemplo, eu passei dez anos da minha vida devendo à MasterCard, ao cheque especial, pagando juros para poder bancar a minha carreira, acreditando em algo que eu não sabia se ia dar certo. Tem um custo para estar dentro dessa estrutura. Eu tacava o pau, não queria nem saber, mas não de uma forma irresponsável. A relação com o compromisso, de você seguir adiante com seu projeto e não arranjar desculpas para não fazer, eu trago isso da luta. Ela me ensinou que se estou com a perna direita machucada, vou poupá-la, utilizar a perna esquerda e criar estratégias para chegar onde eu quero. Esses pontos são determinantes.

Eu lembro demais quando fui fazer meu primeiro trabalho de produção lá em Los Angeles. Um amigo me indicou a um diretor e deu boas referências: "O cara é responsável, disciplinado e tudo". Mas eu não tinha experiência em trabalhar nessa função. Quando cheguei, me apresentei, o cara falou: "Muito prazer. Fulano lhe indicou. Você tem alguma experiência como assistente de produção?" "Não". "Então, seguinte: você preste

"O cinema foi minha janela para o mundo, quando ele era restrito aos poucos canais de televisão (...) Tudo ali fazia parte de outro mundo".

rações produzindo e diversos gêneros de filmes sendo feitos, além de atingir vários nichos com esses produtos - seja no circuito comercial ou nos festivais. O Ceará é um celeiro de grandes realizadores em estado de latência, não no sentido da dormência, mas precisando ser descobertos. Muitas vezes isso depende de investimentos e eu acho isso decisivo porque o cinema retrata um período, a realidade de um contexto histórico. É muito importante que o cinema esteja acontecendo da forma que for. O Ceará está nesse momento muito bom. Poderia estar muito melhor, mas a realidade aqui ainda deixa a desejar, mas potencial nós temos.

Nathanael - Você acha que, para ser um bom cineasta, é preciso ser um bom ninja para driblar essas dificuldades?

Halder - Eu não vejo fórmula para ser um bom cineasta. Do ponto de vista de sucesso, o sucesso pertence ao público. A quem julga e quem vê. Somos apenas uma ferramenta para entregar aquilo ali para ser avaliado. Mas alguns pontos são determinantes: determinação, foco, disciplina, profissionalismo e

bem atenção no que eu vou lhe dizer". Eu disse: "Sim, senhor". "Você pegue aquele caderninho ali e tudo que eu disser você anote". "Sim, senhor". "Você está anotando?" "Não". "Pois anote agora. Tudo o que eu mandar você fazer, em qualquer lugar, vou ficar com um *checklist* e você vai levar um também. Antes de vir de lá para cá, você liga para conferir se tudo foi feito e não ter de fazer duas vezes." Ele falou um monte de coisas e depois perguntou: "Você conhece Los Angeles?" "Conheço". "Porque eu conheço qualquer ponto da cidade e sei quanto tempo leva para ir e para voltar, com trânsito ou sem. Mais do que esse tempo normal, só sendo um motivo de força maior, como um terremoto. Senão, é porque o cara não sabe andar aqui dentro". Naquela época não tinha GPS e tudo passava por essa questão da informação precisa. Ele perguntava: "Rapaz, alguma vez você foi a um restaurante e fez um pedido que veio errado?" Eu dizia: "Oxe, é só o pau que rola". "Pois é porque alguém escreveu e não leu". Eu fiquei com aquilo na cabeça. Era uma questão de com-

Antes de começar, Nathanael perguntou como se pronunciava o nome do cineasta. Ele nos disse que, como ia ser escrita, era do jeito que fosse. "Inclusive, eu tenho mais de 40 versões do meu nome escrito errado em mídia impressa", disse ele.

promisso. Uma vez ele falou pra mim: "Um minuto e uma hora de atraso, para mim, são a mesma coisa: demissão". É uma indústria que tem uma responsabilidade muito grande nas costas, muito dinheiro envolvido, então ou é assim ou você está fora. Para entrar no mercado do cinema não existe uma credencial. As pessoas, às vezes, começam como estagiários e se mostram guerreiros dentro do set e, em outro projeto, estão trabalhando em uma posição melhor. De repente, tem uma profissão dentro do cinema em que o cara sequer se formou, mas tinha garra, determinação, compromisso e profissionalismo. No meu caso, foi assim. Tudo em cima da disciplina. Em nenhum momento, eu me permiti chegar atrasado e sempre fui muito compromissado. A única fórmula que eu digo que existe é essa. Você pode ser o maior teórico de cinema, mas, quando chega no set e dá 10 horas, o cabra já está pedindo arrego: "Ah, não aguento mais, não". "Que é isso, macho?" Acontece muito. Acha que sabe tudo de cinema, mas não aguenta o tranco. É muito pesado!

David – A gente observa muito que as

bol (*Loucos de Futebol*), fiz comédia, produzi *Área Q*, que é uma ficção científica sobre ufologia rodada em Quixadá. Fiz *As Mães de Chico Xavier*, com Glauber Filho (*diretor e roteirista cearense*), sobre um assunto que me interessa muito (*a espiritualidade*). Tenho essa curiosidade sobre o mundo do além. E tenho vontade de fazer um filme sobre pintura e também um projeto sobre o surfe. Quero fazer um monte de coisas, mas tudo está ligado a assuntos pelos quais tenho paixão. Eu não sei bem como seria qualificar o tipo de cinema que faço. Mas sei como funciona minha cabeça e como através dela eu chego a esse tipo de cinema. Sou extremamente inquieto e essa inquietação influencia minha forma de escrever e de filmar. Eu gosto de história com um clímax que tenha finais que deixem você pensar em possibilidades. Seria mais um cinema de alma e inquietação, digamos assim. O *Cine Holliúdy* é um *leruaite movie* (ri).

Mariângela – Como você avalia a produção cinematográfica brasileira tanto a regional como a nacional?

Halder - A produção brasileira tem de ser

"O cinema tudo provoca, te faz questionar e te leva a refletir. Ele meio que entra no seu DNA (...) Tem filmes que provocaram verdadeiras mudanças".

produções do Ceará partem muito dos grandes centros. Como você observa as potencialidades do interior para produzir?

Halder - Rapaz, hoje, a produção é muito democrática por conta dos recursos técnicos que existem. Você pode ter um produto com qualidade em certo limite com poucos recursos. Então, isso torna possível a produção em qualquer lugar. Eu tenho um laço muito forte com o interior por conta de uma infância muito feliz. As memórias são muito marcantes. Então, para mim, o interior é um celeiro de boas histórias e de possibilidades em fazer cinema. *Cine Holliúdy* é um deles, o próximo filme que eu vou fazer, *O Shaolin do Sertão*, vai acontecer em Hong Kong e no sertão. Vou juntar dois mundos improváveis. O interior é quase minha Hollywood em termos de produção e de inspiração.

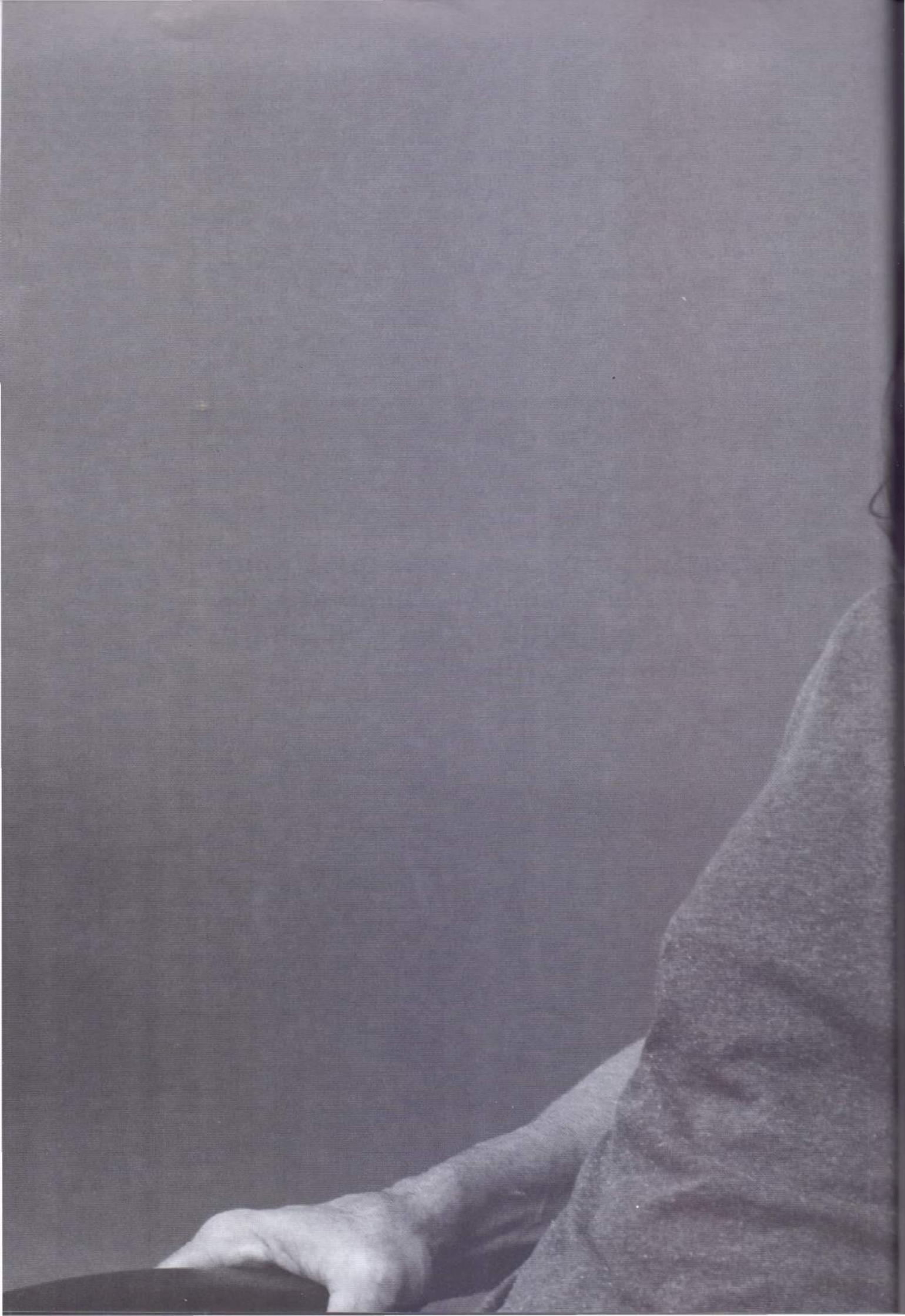
Nathanael – Halder, de uma forma geral, você consegue classificar o cinema que faz?

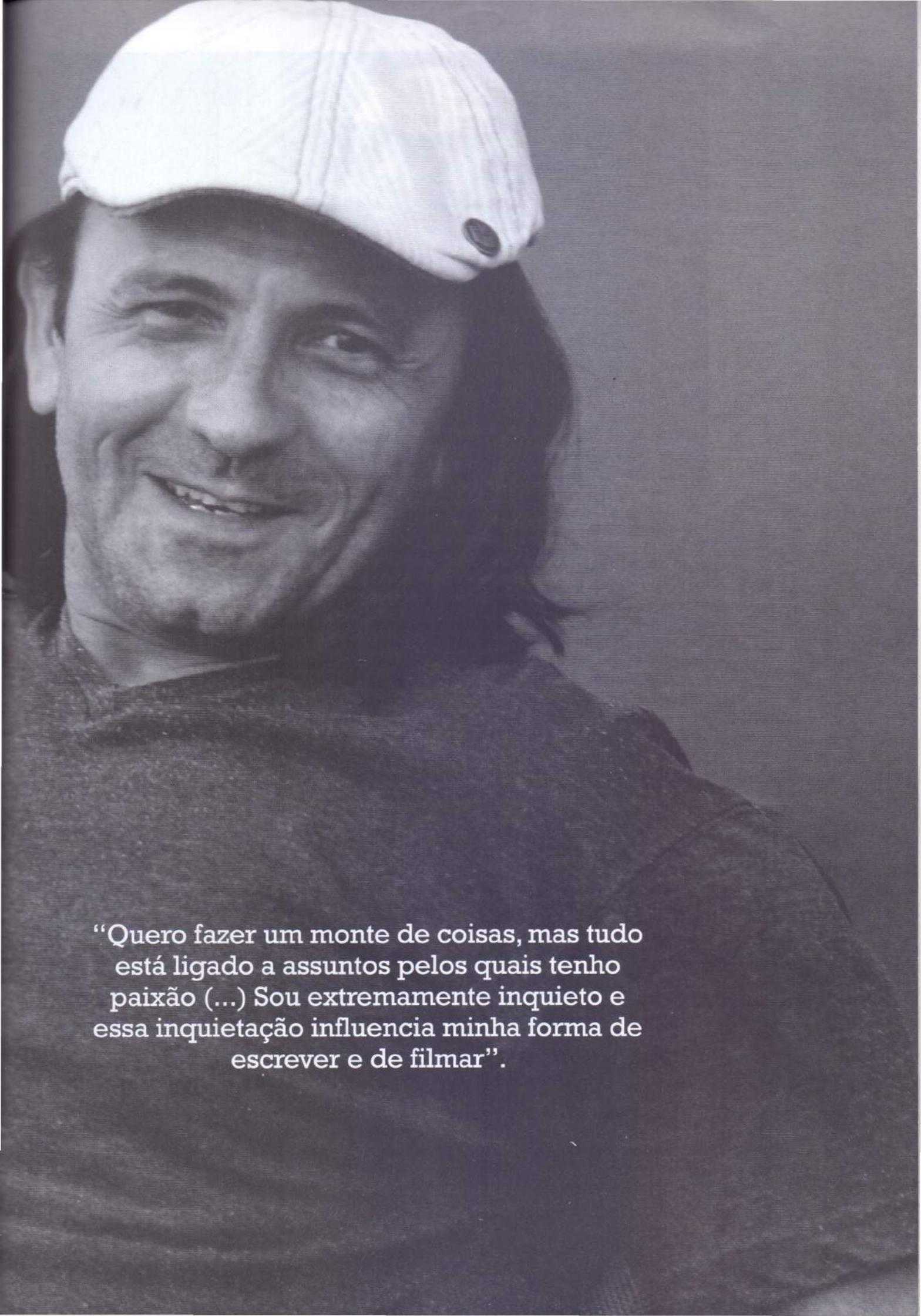
Halder - A princípio, eu classifico como um cinema feito de paixão, de coração. Eu não me rotulo em gênero nenhum. Já fiz filmes de luta, um documentário sobre fute-

avaliada sob aspectos específicos. A produção industrial, hoje, é feita em um volume muito grande. Filmes com bilheterias que batem com os *blockbusters* (*superproduções cinematográficas*). Infelizmente, nós só temos a comédia como gênero consolidado, enfrentando as produções de Hollywood e ocupando um maior espaço no cinema nacional. Mas temos a produção autoral, os filmes de festivais que ganham prêmios internacionais. São dois cenários bem distintos, mas muito bem-sucedidos. Nós tivemos, em 2014, mais de 120 filmes lançados no circuito comercial. Ainda temos um cinema dominado pela produção americana, mas estamos chegando a 20% dessa fatia de mercado. É um momento muito valioso e a tendência é crescer. Eu acredito muito nesse crescimento da indústria brasileira, até porque o número de salas (*de exibição*) está aumentando. No Brasil, nós temos, no momento, 2.700 salas para uma população de quase 200 milhões de habitantes. Quase 80% da população nunca foram ao cinema. Depende de um *mega-shopping* surgir do nada para que o ci-

Halder disse que a confusão mais doida com o nome dele foi na época em que estava lançando *As Mães de Chico Xavier* e fora anunciado no rádio como "Helder Xavier".

O cineasta é um grande fã dos filmes de luta, principalmente daqueles protagonizados pelo ator, roteirista e diretor sino-americano Bruce Lee. Um dos mais conhecidos trabalhos de Lee é o longa *Jogo da Morte* (1978).





“Quero fazer um monte de coisas, mas tudo está ligado a assuntos pelos quais tenho paixão (...) Sou extremamente inquieto e essa inquietação influencia minha forma de escrever e de filmar”.

Halder nasceu em Fortaleza, mas passou a infância em Senador Pompeu, município localizado a 273 km da capital cearense. Morou lá até os 12 anos de idade, quando se mudou de vez com a família para a capital.



nema possa existir dentro dele. Isso dificulta muito o crescimento.

David – Para além dos números, como você avalia a qualidade da produção brasileira? Ela está buscando uma autenticidade ou ainda depende de uma visão norte-americana de cinema?

Halder - O cinema brasileiro é muito diversificado. A gente tem um cinema extremamente autoral, não só do ponto de vista estético, mas de conteúdo. A produção industrial brasileira, de certa forma, dialoga com a norte-americana - no caso são as comédias. Eu não condeno, pois são filmes que possuem números expressivos de bilheteria e são importantes na indústria cinematográfica brasileira. Às vezes, surge aquela discussão que as comédias nacionais não são

boas. A indústria deve ser entendida como quando o cabra faz um filme pornô e um filme sobre Jesus e tudo que estiver no meio é indústria. São os extremos e tem de ter as pontas para emendar. Eu vejo o Brasil em um momento muito bom, de muita (*ênfase*) mão de obra. Considero até um amadurecimento da nossa produção. Cinema tem de ser feito de todas as formas. Existem filmes que são feitos com fins comerciais e outros porque precisam ser feitos, porque são histórias que precisam ser contadas, independentemente de retorno financeiro ou não. A gente tem de entender que tipo de cinema se propõe a ser feito.

Jadiel – A proposta do cinema independente é partir de outra visão que não seja a industrial. Como você avalia a produção, hoje, no Ceará e no Brasil?

Halder - Ah, muito bom. O filme brasileiro indicado para tentar uma vaga no Oscar (*de Melhor Filme Estrangeiro*) é *Hoje eu quero voltar sozinho*, vocês viram? É um filme independente, lindo e foge daquele padrão do que seria um filme de mercado. As pessoas não estão habituadas a ver. E, como ele, existem vários filmes lindos sendo feitos. Obviamente, conquistando espaço nos festivais, mas com uma carreira modesta no cinema (*comercial*) por conta dessa limitação de espaço. E também há filmes fazendo cinco milhões de ingressos como, sei lá, *O Candidato Honesto* (*de Roberto Santucci, comédia, 2014*). Todo mundo está conseguindo, de certa forma, se inserir com seus propósitos e isso é muito importante. Quando a gente pensa no cinema de mercado, aque-

“Quando comecei a fazer meu primeiro filme (...), ninguém queria dirigir para mim (...) Aí me vi em uma situação em que tive de dirigir meu primeiro projeto”.

Quando mencionou que o primeiro filme visto em Fortaleza fora *Branca de Neve e os Sete Anões*, todos olharam para Ana Maria. Inclusive, no áudio da entrevista a risada dela é a mais audível.

“(...) o mercado de lá (*Estados Unidos*) é muito grande, muito competitivo. Tive oportunidade de trabalhar naquele universo, mas eu não era feliz.”

le em que você tenta fazer milhares ou milhões de espectadores, esbarra na questão do investimento para lançar. O lançamento de um filme comercial é muito caro. Eu falo de valores que, até mesmo, ultrapassam o orçamento inicial. Você não vai fazer números expressivos de bilheteria se não tiver um marketing muito agressivo ou um investimento muito alto. Não tem como.

David – Não tem como ser independente na hora de divulgar?

Halder - É porque o independente tem um limite. Nós temos esse número pequeno de salas de exibição, então a oferta de filmes é muito maior que o espaço. O exibidor atua meio como um leiloeiro. Digamos que eu sou a Cinemark (*uma das três maiores redes de cinemas do mundo*): “Ok, tu queres exibir teu filme no meu espaço. Quanto é que você vai gastar de marketing? Quais é teu plano de mídia? Qual o teu investimento?” Aí você apresenta o plano de mídia. “Ah, massa. Teu filme vai colocar clientes aqui pra mim”. Es-

tão vendo como é que funciona? Ou você apresenta um plano de mídia ou se você coloca o filme no circuito sem essa divulgação massiva que garanta um público, se ele não atingir ocupação média em determinada semana, na outra você pode dizer adeus. Então é muito difícil. Você tem de dimensionar o tamanho do filme, posicionar nas salas corretas, onde o público específico está mais próximo, você faz um marketing direcionado. Mas isso ainda vai ser pequeno em relação aos números das grandes bilheterias. Um filme independente dificilmente vai cruzar a faixa de um milhão de ingressos. É muito improvável.

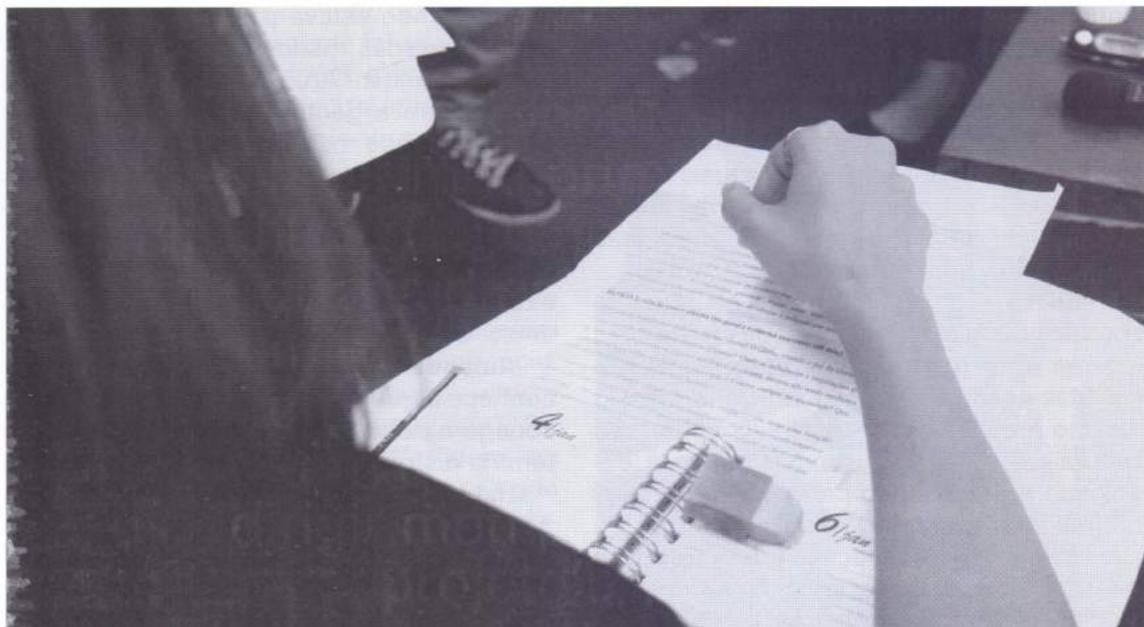
Breno – Você acredita que o cinema cearense é popular?

Halder - Ele é popular, sim. Tem muitos filmes cearenses que são populares. Falta só o popular conhecer esses filmes. Como foi o caso do *Cine Holliúdy*: é popular e as pessoas descobriram o filme. Mas existem filmes lindos no Ceará. Eu tenho certeza que, se você colocasse no circuito e fizesse um investimento pesado, iam ser filmes populares.

Breno – Então, o cinema cearense se fecha em circuitos alternativos?

Halder - É, acaba ficando no cinema alternativo. Sabe o que acontece? Quando você pensa em *mainstream*, que é o circuito de cinema comercial, aí a pancada é grande. O buraco é mais embaixo. Tem de saber o quão empreendedor você é para poder saber encarar isso. A nossa regra de mercado é a seguinte: os grandes dominam esse cenário, não tem para onde correr e é assim no mundo todo. Se eu for lançar um filme e ele tem custo de um milhão de reais, digamos assim, quando esse dinheiro começa a voltar, o distribuidor que adiantou a

O fascínio dele pelos filmes de luta o fez se tornar faixa preta em *tae-kwon-do*, arte marcial coreana que envolve destreza no emprego das mãos, punhos e pontapés voadores.



Antes de se dedicar à produção e direção dos próprios longas, Halder começou, em 1991, como *stunt fighter*, dublê de luta em filmes de ação em Los Angeles, Califórnia.

Durante a entrevista, Halder Gomes falou que trabalhou com diretores famosos, entre eles, Spike Jonze, conhecido por filmes de viés mais alternativo. Jonze, em 2014, venceu o Oscar de Melhor Roteiro Original pelo filme *Ela*.

verba para poder lançar tem retenção prioritária desse investimento. Daí, meu amigo, o cabra pensa dez vezes antes de chutar o balde. Porque você pode muito bem fazer um filme, investir cinco anos da sua vida, se matar pra fazer acontecer e, no final, sair devendo a casa. Isso é extremamente fácil de acontecer. O cabra pode se arrombar bem direitinho. De certa forma, isso faz com que você busque circuitos alternativos porque nem todo mundo está disposto. Eu arisquei, apostei, fui ousado. Havia um risco de ter tido muito prejuízo, como já tive em outros filmes. É um jogo.

Nathanael – Agora, falando especificamente do *Cine Holliúdy*, como surgiu essa ideia de ter um filme tipicamente cearense, a ponto de ter legendas em português?

Halder - Tem muito a ver com as minhas experiências fora do Ceará. O quanto mais longe você está, mais consegue olhar para si e se conhecer melhor. Eu fiz o curta *Cine Holliúdy - O astista contra o cabra do mal* em 2003 o que originou o *Cine Holliúdy* e já era falado em “cearensês”, tinha legendas e unificava, através da linguagem cinematográfica, a “cearensidade” que estava fragmentada. Percebi que a gente tem uma cultura de raiz muito forte, mas não é algo consolidado, onde você pudesse olhar para aquilo e se conhecer como acontece com baiano e a “baianidade”. Rapaz, o que é a “baianidade”? É o axé. Acho que a música projeta muito bem essa característica. No nosso caso, ainda faltava. Quem fazia isso de forma quase empírica eram os humoristas, que prestavam aquele papel de embaixadores desse nosso jeito moleque e brincalhão, que é diferenciado mesmo. Eu ando no mundo todo e vejo que essa “fuleiragem” é um negócio muito só daqui mesmo. Achava era muito importante isso ser contado. Aí juntou essa intenção de fazer um filme de memórias e com esse universo da “cearensidade”. Foi daí que veio a ideia do *Cine Holliúdy*.

Ana Maria – Halder, você comentou que já fez filmes de vários gêneros. Quais são as diferenças e os desafios de fazer uma comédia, levando em consideração os diferentes gêneros com que trabalhou?

Halder - A comédia é muito difícil de fazer. Você pode fazer uma pessoa chorar pelo mesmo motivo em qualquer lugar do mundo. Mas você não consegue fazê-la rir pelo mesmo motivo, seja onde for. As diferenças culturais é que vão distinguir o que é engraçado pra uns e não para outros. O desafio maior da comédia é você encontrar um equilíbrio onde as situações possam fazer o maior número de pessoas rir. A proposta de comédia que eu procuro fazer não é desres-

“Era até triste você deparar com a nossa realidade e saber que muita coisa poderia ser feita, mas não é por conta da falta de recursos”.

peitosa ou apelativa. Ela passa por uma pureza, uma ingenuidade e por um humor mais ácido de forma subliminar. *Cine Holliúdy* é cheio de sarcasmo e piadas subliminares.

Nathanael – Você acredita que o *Cine Holliúdy*, de certa forma, reproduz os estereótipos do cearense?

Halder - Ele vai no limite da caricatura, dos estereótipos e também vai no naturalismo, na nossa realidade. Em alguns lugares, quando eu passo o filme, as pessoas dizem: “Rapaz, o filme é muito caricato”. Mas, meu amigo, vai no interior do Ceará pra tu ver. Lá, essas pessoas deixam de ser cidadãs para se tornarem personagens. Dentro do filme, isso não é diferente. Há figuras que todo mundo rapidamente se identifica. Obviamente, você dá uma dosinha a mais para poder ter o humor. O (*personagem*) Francisgleydisson, por exemplo, todo mundo conhece um. Se você for ali na beira do estádio (*de futebol*), aquele pessoal vendendo churrasquinho, ali é cheio de Francisgleydisson e vários outros personagens. Eu lembro que, antes de lançar o filme, quando estava passando só o trailer, muitas pessoas mandavam mensagens faltando me matar. “Ah, vai aumentar o preconceito contra a gente. Você agora está nos deixando ainda mais estereotipados”. O que está ali é exatamente o nosso dia a dia, não estou fazendo nada demais. É como a gente se comporta e fala. Se você ficar só observando a conversa da galera em todo canto, oxe, é macho pra lá, é macho pra cá, “doidim”, “ainda rai”, “ande tonha” e por aí vai.

Amanda – Você fala que todo mundo conhece alguém que é parecido com o personagem do filme, mas o quanto do Halder tem na história?

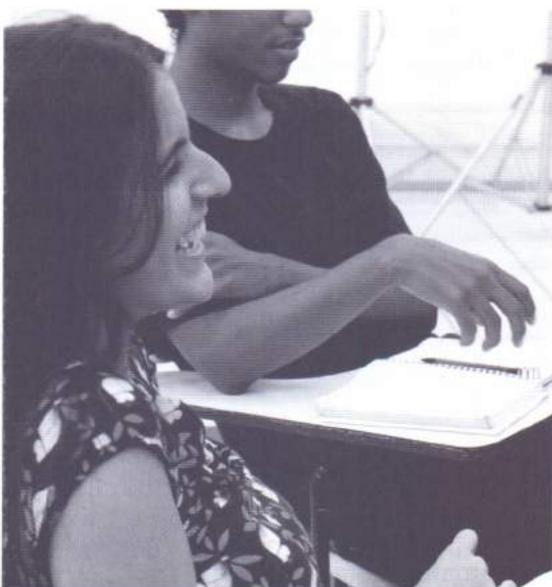
Halder - Ah, ali tem muito da minha vida. A primeira cena do filme, da família dialogando, era um relato do que eu estava vivendo na minha carreira, onde tinha decidido que aquele seria meu último filme. Não iria mais

Halder realizou seu primeiro filme, *Sunland Heat - No calor da terra do sol*, em 2004. Rodado em Fortaleza, o longa foi lançado diretamente no mercado de *home vídeo*.

fazer cinema. E o Francisgleydisson fala: "Deixa eu tentar mais uma vez". Eu vinha de uma profissão muito bem-sucedida e resolvi tentar outra e, porra, levava na cabeça. Tem horas que você questiona se vai continuar fazendo ou não. A primeira cena tem uma relação muito forte com o momento que eu estava passando. O Francisgleydisson é quase um alter-ego daquela luta de fazer o próprio *Cine Holliúdy* acontecer. O cara tinha de ser mil em um, assim como eu tinha, e fazer mil e uma coisas para o filme acontecer. E tem o Valdisney que é o meu alter-ego. Aquele pirralhinho que via tudo distorcido. Lá no interior, como não acontecia nada, ou você criava as histórias na sua cabeça ou então o tédio chegava e lhe detonava. Quando a história é escrita de coração, não tem como não ter um pouco de você ali. Tem meu Fortaleza ganhando do Ceará... (risos). Tem uma ruma de coisas. Tem referências ao Bruce Lee; uma crítica das políticas sociais da época, que dialoga com o presente. O foco do filme é esse momento que o cinema está sempre colocado em cheque. Se você observar, desde que o cinema nasceu, todo mundo está querendo matá-lo. "Ah, o cinema falado vai matar o outro (o mudo)". "A televisão vai matar o cinema". Aí veio o VHS: "Ninguém vai mais para o cinema". Eu dizia: "O que diabo é isso?" Veio o DVD, a TV a cabo: "Agora o cinema morre". "Rapaz, pare com isso. Uma secura medonha para acabar com o negócio". É um filme extremamente autoral do ponto de vista da história, mas muito pessoal.

Amanda – Você mencionou as dificuldades e questionamentos, mas o que o motiva a continuar?

Halder - Vou voltar ao ponto de quando decidi que o filme seria o meu último. Foi assim: fiz o filme, fechei contrato com distribuidora e tudo. Um dia, a gente foi almoçar e eu falei pra ele (*distribuidor*): "É o seguinte: não há mais nada que eu precise aprender para fazer cinema. Eu estou pronto para o mercado, para os investidores e para fazer mais filmes, mas não vou fazer mais cinema como eu fiz o *Cine Holliúdy*. Não vou passar sete anos para poder colocar o filme na tela. Não quero mais passar por isso. Esse é o último filme que faço nesse modelo. Se quiserem que eu faça cinema, banquem esse negócio. Se não, eu vou só surfar. Vou pegar onda e não quero mais saber de cinema, não". Foi quando ele falou: "Opa, perai". Agora, eu chego exatamente na tua pergunta. O que me motiva agora é poder contar mais histórias que eu tinha vontade. Quando o *Cine Holliúdy* abriu no primeiro fim de semana, que bombou, no outro dia o distribuidor me



Coincidentemente, em 2004, o cineasta filmou o curta-metragem *Cine Holliúdy – O astista contra o caba do mal*, que, mais tarde, daria origem ao longa.

Na internet, o vídeo tem quase 100 mil visualizações. Também participou de festivais em mais de 20 países, ganhando um total de 42 prêmios.

A ideia de transformar aquele material em longa-metragem foi sugerida pela jornalista e crítica de cinema Ana Maria Bahiana e pelo diretor José Emílio Rondeau, que procuraram o diretor após uma exibição no Festival do Rio.

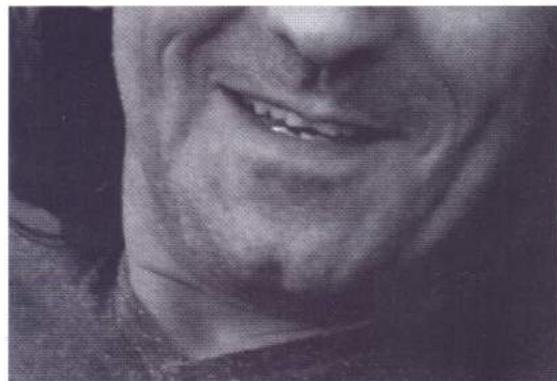
ligou: "OK, quais são os dois outros projetos que tu tens aí?" Eu falei: "Opa, agora vai". Já entramos em processo de negociação para poder transformar esses filmes em realidade. Começou a surgir um monte de propostas, li vários roteiros que não me interessam e tomei uma decisão para minha carreira: "OK, agora eu só vou fazer o que eu quero. Vou dar uma de invocado". Não vou mais fazer aquela loucura que é você correr atrás de dinheiro, conseguir, ainda que pouco. Não, quero fazer de outra forma. Meu nome tem um valor muito forte no mercado hoje? Tem. Eu tenho um trabalho autoral de assinatura, com muita personalidade, que dialoga com o mercado? Tenho. Isso tem um valor mensurável para eles (*distribuidores*) e sabem que isso representa a possibilidade de investimento em outros projetos. Então, é assim: eu tenho meu valor, eles têm o dinheiro. Vamos chegar a um consenso para poder fazer os filmes. É assim que estão se desenhando os próximos projetos.

Nathanael – Você falou da quantidade de



foi a primeira série de "nãos".

A segunda foi quando tentei levantar um pouquinho mais de grana, para dar um sossego. O orçamento era tão sacrificado. Tentei na cidade inteira e foi só "não". Teve um dia mágico, vou até contar. Foi maravilhoso! Foi o dia da vingança, não no mau sentido, mas do desabafo. Quando o filme estava para ser lançado, a TV Jangadeiro comprou uma pré-estreia para todas as agências de propaganda. Sala oito do Iguatemi, 460 lugares, 100% lotado. "Rapaz, 'destá', passe o microfone pra mim. Agora vai ser mesmo na pleura" (*risos*). Eu falei: "Pessoal, esse filme que vocês verão vai ser um sucesso medonho, não tenho dúvidas. Poderia estar lotado de apoio de empresas cearenses, mas não teve. O que é uma pena, pois vai ser um clássico. Vou dizer uma coisa: não tem, não foi porque eu não tentei. Se vocês forem olhar no e-mail de vocês no dia tal, do mês tal, todos receberam mensagem minha anunciando o projeto e tentando marcar uma visita para apresentá-lo. Ninguém (*ênfase*) respon-



'nãos' que levou para o *Cine Hollíúdy*. Por que o material era recusado?

Halder - O filme passou por duas séries de "nãos". Na verdade, três. Começou nos editais. Eu tentei quatro vezes o edital do Ministério da Cultura. A primeira vez, eu fui defender o projeto e implicaram que o filme era regional. Aí eu: "Porra, qualquer filme feito, em qualquer canto, é regional. Isso é lógico". Na segunda vez, a mesa julgadora disse que era homofóbico. "Porra, homofóbico? Qual é o interior que não tem a rapariga, o padre, a quenga, o viado, o prefeito? Tem tudo". Porque tinha a bichinha Seis Volts (*risos*). Porra, pelo amor de Deus, são uns pensamentos meio malucos. A terceira vez, eu não fui para a final e na quarta, eu disse: "Não tem filho duma égua no mundo que me tira esse prêmio. Vou tirar primeiro lugar nesse negócio". Claro que aí entra a parte do aprendizado. A luta me ensinava a reconhecer meus erros e melhorar após uma derrota. Até que, na quarta vez, eu fui primeiro lugar. Então, essa

deu. Agora, negada, eu vou dar um conselho: quando eu for fazer a parte dois abram o e-mail de vocês, pelo amor de Deus" (*todos riem*). Rapaz, a cara da galera, cara de rapariga depois da janta, sabe? Só tu vendo. Aí, na outra semana, quando o filme bombou, as agências todas ligando e eu dizendo: "Rapaz, agora Inês é morta".

Tiveram também aqueles *nãos* dos distribuidores. Eu passei um ano levando "não" de distribuidora. Em um primeiro momento eu tive contato com a Downtown Filmes, que é o distribuidor do filme. Eles leram o roteiro, gostaram e eu fui conversar com o dono da empresa (*Bruno Wainer*). Ele falou: "Olha, Halder, eu gosto do roteiro. Quero ver o primeiro corte". O primeiro corte de qualquer filme é quase uma colagem de claquetes: não tem efeitos visuais, música, é algo muito ruim de se ver. Ele viu e disse: "Meu irmão, não entendi nada" (*risos*). Eu disse: "Porra, não tem legendas". "Halder, eu vou ser bem sincero contigo: não sei como lançar esse

Cine Hollíúdy foi o primeiro filme a ganhar o edital de longas-metragens de baixo orçamento oferecido pelo Ministério da Cultura em 2009. Mas, antes disso, o filme passou por uma série de rejeições.

teu filme. Ele é uma coisa que nunca apareceu pra gente aqui. Não sei o que fazer com ele em termos de mercado, mas não quero te prender. Vai nos distribuidores, visita todo mundo. Se tudo der errado, volta aqui". Daí fui visitar todo mundo: só "não" (*repete duas vezes*). Ninguém dava nem uma esperança. Depois de fechar o ciclo e levar o último "não", foi um dia em que eu estava meio desiludido, porque houve distribuidores que diziam: "Tu tem dinheiro para lançar?" "Rapaz, se eu tivesse, lançava. Eu tô aqui é liso. Estou atrás de quem banque pra lançar". "Ah, se não tem dinheiro para lançar, a gente não pode fazer nada". "Agora, lascou". Cheguei em casa, peguei uma foto minha em que eu estava com o cabelo bem grande, uma cara de canastra e botei no *Facebook*. Coloquei um texto assim: "Quero lançar o *Cine Holliúdy*..." Vocês lembram quando a Xuxa ganhou dois milhões de reais para pintar os cabelos de preto? Minha história liga com a Xuxa. Coloquei assim: "Quero lançar o 'Cine Holliúdy', tem gente que gostaria de ver, mas tem distribuidor querendo que eu tenha dinheiro para lançar e eu não tenho.

ce bem ou o cabra não consegue fazer. Para esse tipo de filme, que é um filme fora da curva de mercado, passa por outros tipos de captação, principalmente o edital. É um filme que não seria feito se seguisse o modelo de mercado. Se eu chegasse com esse roteiro nesses distribuidores que, hoje, querem colocar dinheiro no meu filme, todos iriam vetar. Ninguém iria ter coragem de investir. Ele teria de vir de uma fonte isenta como os editais. Acho que ele não seria feito por esse motivo e pela questão do conhecimento do jeito cearense de ser.

David – Então, de certa forma, você acha que o *Cine Holliúdy* abriu portas para esse cinema mais autoral nas distribuidoras?

Halder - Ah, demais (*ênfase*)! Olha só, eu vou juntar um pouco do legado desse filme. Eu estou com o *Shaolin do Sertão* para ser filmado no ano que vem (2015), bem adiantado com Globo Filmes e tudo. Tem o *Cine Holliúdy 2*, que vai ser uma franquia. Além de várias distribuidoras – Disney, Fox, Warner – sondando. Isso é um legado para mim como diretor e para poder ter um nome forte no mercado. Mas olha só o que aconteceu:

"O cinema cearense é muito bonito, acima de tudo, é um cinema de resistência (...) As pessoas estão criando, produzindo de modo independente, fazendo acontecer".

Tenho de ter dinheiro pra fazer, como realizador e olhe lá. Porém, assim como a Xuxa, eu tenho lindos cabelos lisos, naturais, sedosos e ofereço para pintá-los em troca do dinheiro para lançar. Quem vai?" Aí botei *hashtag* *Wella* (*marca de tintura para cabelos*), uma putaria assim. Rapaz, virou um cabaré nesse *Facebook*. A galera compartilhando: "Como é que pode? Como não tem distribuição? Tem de ter, a gente quer ver (*repete três vezes*)". Meia hora depois, o primeiro distribuidor manda uma mensagem para mim: "Halder, pelo que estou vendo, você não fechou com ninguém e não quero ver com os cabelos pintados por nada no mundo. Volte aqui". Fui lá e fechamos o negócio. Muito doido e tudo por causa da Xuxa (*todos riem*).

David – Halder, me diz uma coisa: se o *Cine Holliúdy*, com a mesma história e o elenco, fosse feito por um cineasta do Sudeste, você acha que teria essa dificuldade toda?

Halder - Para ser feito? Ele não seria. Cara, é uma coisa tão particular. Você precisa viver aquele mundo. Tem uma coisa: a fuleiragem é um negócio muito sério. Ou você a conhe-

o Ceará representa de dois a três por cento, no máximo do *share* nacional de quando você lança o filme no Brasil inteiro. É quase nada. No caso do *Cine Holliúdy*, foram 57%. Olha a discrepância que tem de dois para 57%. Era um filme que, pela lógica, deveria ter feito 10 mil ingressos e bateu o *Titanic* como filme mais visto (*no Ceará*). Já mostrou que o Nordeste em si tem um grande potencial para a produção. Isso é o legado comercial do filme.

Outro legado comercial que o filme deixou: a inversão da plataforma de lançamento, que também é importante. Normalmente, quando você lança um filme no Rio (*de Janeiro*) e em São Paulo. Invertemos a lógica e lançamos em Fortaleza primeiro. O que bancou o lançamento nacional do filme foi a rentabilidade dele aqui no Ceará. E isso é muito bacana! Aí vem o legado que eu considero principal: a possibilidade da gente se ver na tela. E para nós no Ceará, queira ou não, o filme mais visto de todos os tempos não é o *Titanic*, é o *Cine Holliúdy*. Temos de fincar essa bandeira e quem manda nes-

Rodado com apenas um milhão de reais, *Cine Holliúdy* arrecadou 268 mil reais no primeiro final de semana, com um número de 2.293 pessoas por sala.

O filme conseguir derubar o *blockbuster Titanic* (1998), que até então mantinha o título de longa com maior número de bilheteria e espectadores no Ceará.

No total, 81.203 pessoas foram aos cinemas para conferir o longa no Brasil inteiro, contribuindo para uma receita de quase cinco milhões de reais.

sa chibata aqui é "nóis" (*todos riem*). Para quem está começando, o filme também deixa um legado, porque o cara vê que é possível. Foi feito com poucos recursos e quebrou um paradigma que era aquele em que os distribuidores diziam: "Teu filme é de baixo orçamento, não vai fazer público". Quem disse? A galera quer ver histórias, sem muita firula ou explosões. Bateu o *Titanic*. Eu não parti navio nenhum no meio nem tinha Leonardo DiCaprio (*risos*). Com apenas um ano de lançamento, o filme ganhou dois prêmios da Academia Brasileira de Cinema, que é o nosso Oscar. A gente ganhou Melhor Comédia e Melhor Filme do Júri Popular, que são prêmios valiosos. Foi uma história de deixar o cearense inspirado.

Drielle – Halder, antes do sucesso, você pensou em mudar a abordagem para ele ser mais aceito?

Halder - Não, esse foi um filme que fiz de teimosia. Todos os distribuidores que liam o roteiro falavam: "Olha, não tem condições. A gente não entende o que é dito". "Rapaz, então pronto. Vai ser 'cearensês' com legendas". Havia muitos questionamentos: "Ah, você não tem um protagonista conhecido". Eu dizia: "Não tem problemas. Ele vai ser conhecido". As convicções que eu tinha eram todas pautadas em pesquisas empíricas ou até mesmo científicas, porque eu tinha o curta como laboratório. Quando coloquei o curta-metragem na locadora, ele bateu *Matrix*. Eu tinha dados que me colocavam no caminho certo. Tive de ser muito teimoso, inclusive, as negociações de distribuição que sugeriram mexer no filme, eu recusei. Dizia: "Nem que eu me lasque, mas agora vou na teimosia". E assim foi.

Ana Maria – O *Cine Holliúdy*, aqui em Fortaleza, afundou o *Titanic* de novo. O que você sentiu quando começou a ver o sucesso do filme, primeiro aqui e depois em outras regiões?

Halder - Tenho de citar Roberto Carlos: "São tantas emoções" (*risos*). Eu tenho alguns parâmetros para medir o sucesso de um filme. Pra mim, primeira sessão, uma hora da tarde no Iguatemi, se tiver gente é porque vai ser um sucesso. E eu fui ver essa primeira sessão. Mais de 60% da sala, estava lotada! Eu disse: "Eita porra, é muita gente". E o cabra do Iguatemi já ficou impressionado, porque o número de pré-vendas havia sido muito alto. No primeiro final de semana, teve aquele negócio louco, aquelas filas, foi algo que fiquei sem acreditar. Depois veio uma sensação engraçada, interessante até, de quando você sai na rua e as pessoas vêm tirar foto. Você vai aos mesmos lugares a vida inteira e ninguém o conhece. Aí chega

agora e todo mundo vem morrer de tirar fotos contigo. Que diabo é isso? (*risos*). É engraçado, porque você não está acostumado com isso. Esse reconhecimento do público é muito bacana, também pelo fato de eu não ter ido embora, morar em outro estado. Eu não sou o Tom Cavalcante (*humorista cearense*) que pisa aqui vez por outra. Estou aqui todos os dias. Você começa a ter várias experiências interessantes de descobrir coisas de que você não tinha noção.

Um dia, eu parei o carro e o flanelinha chegou: "'Mermão', o filme é muito massa, caramba". Queira ou não, a gente sempre acaba tendo aquele preconceito de achar que o cara viu o DVD pirata. Eu disse: "Rapaz, onde foi que tu viu?" "Fui ver no cinema, muito massa". Ele nunca tinha ido ao cinema. O filme criou uma inclusão e levou um público que não ia ao cinema. Uma vez, o cara chegou: "A gente alugou foi uma topique pra ir ver o filme. Nunca tínhamos ido ao cinema". Houve outras histórias também. Quando o filme estreou no Rio, um amigo meu ligou: "Mermão, sabe quem está na fila aqui? O Hector Babenco (*cinasta argentino-brasileiro*)". Eu dizia: "Rapaz, o Hector Babenco na fila pra ver *Cine Holliúdy*? Eita porra". Porque o bicho é abusado! Um dia desses encontrei com Ingrid Guimarães e ela: "Halder, pelo amor de Deus, eu amei o filme. E tu não sabe? Cheguei para comprar o ingresso, era o último da sessão. Quando eu sentei, olhei pro lado, vi Caetano Veloso". Ela disse que Caetano passava o filme todinho dizendo: "Mainha, é muito bom" (*todos riem*). São tantas coisinhas miúdas que, juntas, formam esse sentimento muito gratificante.

Breno – O popular, a "fuleiragem", é vista com preconceito dentro do próprio cinema cearense?

Halder - Eu nunca tive esse problema, pois acho que preconceito passa pela condição de você se achar inferior. Nunca me coloquei em posição inferior a nada. Se acharem

O protagonista do filme é interpretado pelo ator Edmilson Filho, que, segundo Halder, era o único capaz de representar o personagem. Os dois haviam trabalhado juntos na peça *Made in Ceará*.

"Eu tenho um laço muito forte com o interior por conta de uma infância muito feliz. As memórias são muito marcantes."

que o filme é inferior por isso ou por aquilo, eu não posso fazer nada. Quando se faz um filme, você o entrega para um julgamento.

David – Existe algo no *Cine Holliúdy* que não ficou exatamente como você queria?

Halder – Cara, têm coisas que eu gostaria ter feito melhor, mas tinha a questão de que tempo é dinheiro e isso eu não tinha. Tem horas que você precisa abrir mão de coisas preciosas para poder tomar de conta da história. Mas há coisas que só eu sei (*risos*).

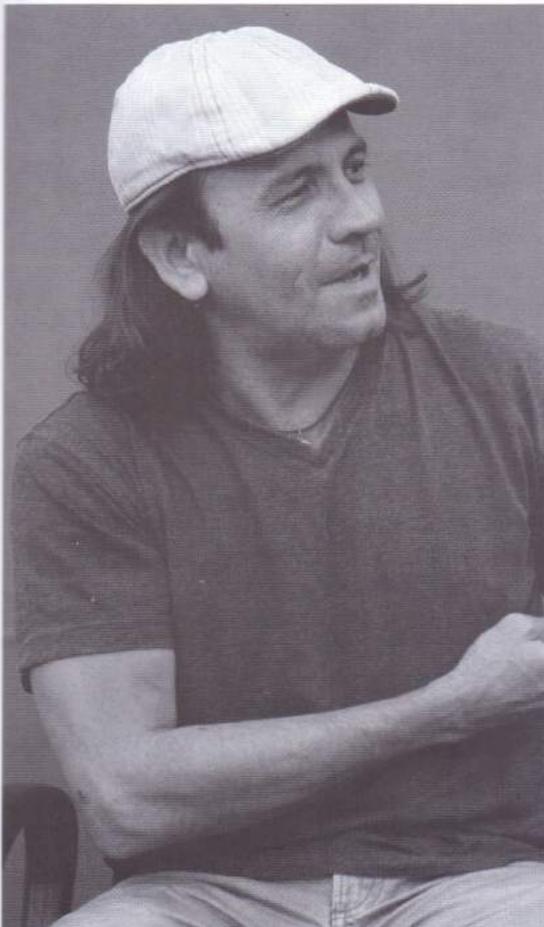
David – A gente pode perguntar o que só você sabe?

Halder – Pode, claro (*risos*)

David – Pelo menos cita um elemento do filme que poderia ter sido trabalhado melhor...

Ana Maria (*complementando*) – ou uma cena que você queria ter feito e não deu.

Halder – Tem uma cena no roteiro onde havia um personagem gago que caiu por eu não ter achado quem fizesse. Eu gosto muito da performance final do Francisgleydisson, mas se tivesse ficado do jeito que estava na minha cabeça... Eu queria ter tido um cabo de aço com uma câmera que captasse os movimentos mais complexos. É uma coisa que passa pelas limitações técnicas. Eu só tinha uma câmera e rodei o filme inteiro com ela. Mas, no geral, sou muito feliz com tudo ali. Gostaria de ter tido só 100 mil reais a mais (*todos riem*) para poder ficar do jeito



“Quero fazer um monte de coisas, mas tudo está ligado a assuntos pelos quais tenho paixão (...) Sou extremamente inquieto e essa inquietação influencia minha forma de escrever e de filmar”.

que eu queria.

Mariângela – Halder, você falou que o *Cine Holliúdy* abriu possibilidades para a produção no Nordeste e agora nós temos mais espaços de formação em cinema e audiovisual. Como você observa esses espaços no sentido de estímulo à produção?

Halder – Eu acho muito importante. Imagina um cara como eu que, na década de 1980, não tinha possibilidades nenhuma. Hoje, você pode entrar em uma faculdade. Isso é muito bom, principalmente nesse momento que produzir é algo mais plausível do ponto de vista técnico. Não conheço bem esses cursos ou até que ponto eles estão formando os realizadores e técnicos,



Cine Holliúdy chegou a ser comparado pela crítica a grandes clássicos do cinema internacional como *Cinema Paradiso* e *A Vida é Bela*.

Em sua carreira, Halder também atuou como produtor. *As Mães de Chico Xavier* e *Área Q* são alguns dos filmes produzidos pelo cineasta.

O cineasta menciona, na entrevista, a família Gracie, famosa no ramo das lutas. Curiosamente, a filha de Halder, Kyra, foi batizada em homenagem à lutadora Kyra Gracie.

“Cinema tem de ser feito de todas as formas. Existem filmes que são feitos com fins comerciais e outros porque precisam ser feitos (...)”

pois existe uma demanda muito grande no mercado por profissionais de cinema. Só não sei avaliar até que ponto essas formações estão suprindo o mercado ou apenas jogando realizadores na praça, que talvez nem tenham esse perfil. Nem todo mundo está disposto a pegar um projeto e passar a vida toda lutando por ele, com grades chances de não dar em nada.

Ana Maria – Quais são as histórias ou a história que você sempre teve de contar e ainda não teve a oportunidade?

Halder - No momento, é um projeto chamado *Vermelho Monet*. É um filme que foge dos padrões daqueles que já fiz. É um drama muito denso que fala de um pintor clássico no fim da vida em conflito com a época em que vive. Se ele tivesse nascido no final do século XVII, talvez fosse um dos maiores pintores da humanidade, mas vive em uma época onde o cabra desenha uns óculos e uma quenga e é gênio. Ele tenta buscar reconhecimento artístico em um mundo não muito propício a sua arte. Esse é um filme que tenho muita vontade de fazer. É meu sonho. O roteiro está pronto.

David – Você citou, em entrevistas anteriores, que o Ceará tem muitas histórias. Quais delas você tem interesse em contar?

Halder - A comédia é esse universo maior que eu quero retratar. Todos os filmes de comédia que quero fazer possuem uma relação histórica com alguma coisa. Por exemplo, no *Shaolin do Sertão*, eu vou resgatar um período no começo da década de 1980, onde os lutadores de vale-tudo estão em baixa. Para quem não sabe, o vale-tudo começou no Nordeste quando os Gracie (*importante família de lutadores brasileiros*) vieram do Pará, moraram em Fortaleza na década de 1950 e começaram a quebrar o pau por aqui. Então, esses profissionais, por não ter com quem lutar, iam para o interior desafiar os valentões da cidade. Era mão de “péia” demais.

Isso se tornava atração. Meu próximo filme fala disso com comédia e ação, mas resgatando algo que realmente existiu.

Breno – Você consegue identificar um estilo próprio que perpassasse todos esses filmes? Pois há uma variedade muito grande de gêneros.

Halder - Eu vejo baterem muito no meu estilo de montagem como sendo um problema, mas, na verdade, é uma característica. As minhas histórias muitas vezes se fragmentam, mas se unem em um desfecho. Às vezes eu ouvia as pessoas falarem: “Ah, mas o filme tem problema de roteiro”. “Macho, se um menino de dez anos entende e o cabra não consegue entender”. É como um quadro do Picasso. Você olha assim: “Égua, macho, a mulher toda torta. O ‘oião’ ali”. Eu digo: “Rapaz, o Picasso sabia disso”. É porque a obra dele desse jeito. Aquela é assinatura dele. A minha forma de montar as histórias possui uma inquietação que pode parecer algo técnico, mas, na verdade, é um estilo, uma assinatura.

Drielle – Você dirigiu um filme chamado *Cadáveres 2*, certo?

Halder - Foi quando eu estava em Los Angeles. Mas o título não é esse não. Foi uma marmota que inventaram (*todos riem*).

Drielle – Como foi dirigir um filme de terror? Porque é totalmente diferente do tipo de cinema que você faz.

Halder - O título original do filme é *The Morgue (O Necrotério, em tradução livre)*. Aí, aqui no Brasil, lançaram como *Cadáveres 2*, não tendo nada a ver com o primeiro, que sequer se chama *Cadáveres (risos)*. É um gênero que eu curto, sabe? Gosto de terror, acho intrigante. É onde você exerce ao máximo da mentirinha que é cinema, porque aquela desgraça te assusta. Quando me chamaram pra fazer esse filme, eu li o roteiro, achei interessante, o orçamento era baixo, mas era uma oportunidade de dirigir lá em Los Angeles, com uma equipe americana. Pra mim seria uma grande escola e foi uma grande escola! Passamos 21 dias filmando em um

“Acho que o filme tem um papel muito importante dentro do cinema nacional, cearense e vai ser sempre lembrado”.

No material de produção, descobriu-se que ele havia feito o terror *Cadáveres 2*, sem que tivesse havido um primeiro. Drielle disse que viu o primeiro filme e ficou cismada com a história até o dia da entrevista, quando o mistério foi solucionado.

lugar que era quase um *shopping center* da morte. E eu dormi vários dias naquele lugar, às vezes sozinho. Era interessante porque eu ficava: "Arriégua', macho, eu estou nesse cemitério, fazendo filme de terror e não aparece uma alma" (*todos riem*). Foi um filme importante para mim pelo aprendizado e por experimentar um gênero que não fazia parte dos meus planos. Mas ele foi lançado de forma apelativa e vendido por algo que não é. A capa do DVD que a Lionsgate (*distribuidora*) lançou nos Estados Unidos, nossa, era horrível! De um mau gosto terrível. Quando você ia ver o filme, percebia que era mais um suspense sobrenatural do que um terror com cabeças cortadas e sangue, mas venderam de forma muito tosca. Aqui no Brasil nem se fala.

Jadiel – Tem algum outro filme que houve uma estranheza ao fazer?

Halder - Gosto muito do *Área Q* – esse eu produzi - e é uma ficção científica que reúne Quixadá e Los Angeles. Eu gosto dessa ideia de juntar os mundos. Sempre fui fascinado pela temática de vidas em outros lugares e Quixadá têm várias histórias. É um filme dirigido por um amigo meu (*Glauber Filho*) que ia ser feito no Arizona, mas aí eu dei a ideia de ele ser feito aqui. Ele é diferente dos fil-

mes de ufologia que estamos acostumados a ver. Não tem aquele negócio de cabeça verde dos "zoíão".

Mariângela – Qual é o lugar que você acha que o *Cine Holliúdy* vai ocupar no patrimônio cultural do Ceará e também do Brasil?

Halder - Aqui no Ceará, eu acho que é um dos maiores marcos culturais da nossa história. Isso é fato. No cinema nacional, ele escreveu uma página muito importante pelo que provocou como modelo de mercado de linguagem. Nos anais de cinema nacional de 2013, *Cine Holliúdy* vai estar lá pontuado como algo que muito marcante. É um filme que já é um clássico. Ele vai ser revisto, revisitado, estudado por muitas gerações, disso eu não tenho dúvidas. Também foi o primeiro filme a ganhar Melhor Comédia no Grande Prêmio de Cinema Brasileiro, pois essa categoria foi criada recentemente. Então sempre que você pontuar o histórico dessa premiação, o *Cine Holliúdy* vai ser o primeiro. No cinema brasileiro, a comédia é gênero mais consolidado e grandes nomes como Renato Aragão, Oscarito, Grande Otelo já deveriam ter ganhado esse prêmio. Acho que o filme tem um papel muito importante dentro do cinema nacional, cearense, e vai ser sempre lembrado.



Ao final da entrevista, foi sugerido que tirássemos uma foto séria e outra de "fuleiragem", imitando um estilo das artes marciais. Destaque para Nathanael que, segundo ele, passou um dia treinando a pose.

No processo de pós-entrevista, algumas pessoas se ofereceram para ajudar Mariângela na decupagem, mas acabou não sendo necessário, pois foi um processo bastante tranquilo.